



DIVERSIFICAÇÃO ENERGÉTICA NA INDÚSTRIA QUÍMICA

Durante a Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas, COP21, que aconteceu no final de 2015, o Brasil se prontificou a diminuir as emissões de CO₂ em 37% até 2025 e em 43% até 2030. Nesse cenário, a indústria brasileira tem um forte papel na contribuição com a diminuição da emissão de gases de efeito estufa e a diversificação energética aparece como uma grande saída para o setor >

SAUDADE

Nesta edição, o presidente do SINPROQUIM, Nelson Pereira dos Reis, dedicou seu editorial à memória do grande amigo e profissional da indústria química e petroquímica brasileira, Almir Daier Abdalla



COMÉRCIO EXTERIOR

O analista de Comércio Exterior na Secretaria Executiva da Câmara de Comércio Exterior (CAMEX), André Luís Ribeiro Barbosa, escreveu sobre o Novo Banco de Desenvolvimento do BRICS

Ao amigo, Almir

Em todas as edições, abrimos este informativo comunicando sobre os trabalhos que o SINPROQUIM realiza em prol do desenvolvimento da indústria química e petroquímica do estado de São Paulo, falando de seus desafios e de nossa missão em atuar por sua competitividade.

Porém, nesta edição, falaremos de outro desafio do sindicato: seguir nossa jornada com a mesma alegria que seguíamos até então, pois, em fevereiro, deixou-nos um grande profissional e,

mais que isso, um grande amigo: Almir Daier Abdalla.



Nelson Pereira dos Reis é presidente do Sindicato das Indústrias de Produtos Químicos para Fins Industriais e da Petroquímica no Estado (SINPROQUIM), vice-presidente da Fiesp e diretor-titular do Departamento de Meio Ambiente da entidade.

Em sua bem sucedida carreira profissional, desde sua atuação pela Solvay, até o seu trabalho como consultor, Almir sempre foi reconhecido pelo excelente profissional e, mais ainda, pelo grande amigo.

No SINPROQUIM, Almir, de 2001 até 2007, foi diretor e tornou-se consultor do sindicato a partir de maio de 2007, período em que contribuiu para tornar a casa um grande espaço para debates de ideias sobre economia, política, sustentabilidade e tantos outros

temas de interesse do setor. Sua atuação também em outros fóruns, como na Fiesp - diretor do Decomtec, por exemplo, revelava um homem que nunca se furtou às grandes batalhas para a melhoria da competitividade da indústria brasileira.

E todo esse trabalho sempre foi realizado por nosso querido Almir Abdalla sob sua marca registrada: a do bom humor. Não há quem não fale de Almir sem se lembrar de suas piadas ou de uma história divertida. Não há quem tenha sequer uma lembrança de nosso amigo triste ou bravo. A não ser diante de algum insucesso do Palestra Itália, seu time do coração. Um ser incomparável, um excelente pai, um maridão e um amigo fiel e parceiro.

Destaco, ainda, de suas inúmeras iniciativas, o Café com Opinião, assunto que, para ele, era tão caro e motivo de orgulho para o SINPROQUIM. Desde 2006, quando foi organizado o primeiro “café”, esse evento sempre foi um fórum para discussão de temas relevantes e de interesse da indústria nacional e de todo o País. Neste ano, portanto, o Café com Opinião completa 10 anos, com a realização de 43 eventos.

Já participaram do evento os jornalistas Joelmir Beting, José Nêumanne Pinto, Eliane Cantanhêde, Percival de Souza, Cristiana Lôbo, Denise Campos de Toledo, Augusto Nunes, Reinaldo Azevedo, William Waack, Ricardo Setti, Salomão Schvartzman, Carlos Alberto Sardenberg, Merval Pereira, Lucia Hippolito e Ricardo Amorim; o colunista Washington Novaes; o ex-articulista Stephen Kanitz; os políticos José Serra e Fernando Gabeira; o embaixador Rubens Barbosa; os engenheiros Ozires Silva, Roberto Schaeffer, Luiz Gylvan Meira Filho e Martim Francisco de Oliveira e Silva; o presidente da Thymos Energia, João Carlos Mello; os economistas Antônio Delfim Netto, Pedro Malan, Mailson Ferreira de Nóbrega, José Roberto Mendonça de Barros, Eduardo Giannetti da Fonseca e Raul Velloso; o antropólogo Roberto DaMatta; o sociólogo Bolívar Lamounier; o filósofo e geógrafo Demétrio Magnoli; e o historiador Marco Antonio Villa.

A alegria de Almir esteve impressa em cada uma dessas suas atividades realizadas, dentro e fora do sindicato. E é por isso que, hoje, temos o desafio de manter essa alegria viva em cada um de nós. Está em seguir em frente com nossas atividades, apesar da imensa lacuna que fica, e honrar toda a dedicação de Almir Abdalla para com o setor, em busca de desenvolvimento e competitividade.

Nosso profundo pesar e carinho à família de Almir Abdalla e, em especial, à Maria Emília, sua inseparável esposa e companheira.

Nelson Pereira dos Reis

EXPEDIENTE

“Informativo SINPROQUIM” é um órgão de divulgação do Sindicato das Indústrias de Produtos Químicos para Fins Industriais e da Petroquímica no Estado de São Paulo.

Presidente Nelson Pereira dos Reis **Vice-Presidente** Ricardo Neves de Oliveira **Diretor Administrativo** Nívio Machado Rigos **Diretor de Comércio Exterior** Ricardo Lessa Pansa **Diretor de Relações Institucionais** Marcelo Arantes de Carvalho **Diretores** Ana Paula Santoro Coria, Eder Jones Bittencourt Corrêa e Marcelo Lacerda Soares Neto **Conselho Fiscal (efetivos)** Romel Raizer e Ronaldo Silva Duarte **Conselho Fiscal (suplente)** Cristiano Melcher, Maria Izabel Laczko Gebrael e Renata Oliveira Brostel **Delegados Repres. junto à FIESP (efetivos)** Nelson Pereira dos Reis e Ricardo Neves de Oliveira **Delegados Repres. junto à FIESP (suplentes)** Nívio Machado Rigos **Secretária Executiva** Alheli Carolina Concepción Mó **Edição** Way Comunicações Ltda. - Rua dos Caetés, 696 - 05016-081 - São Paulo - Tel: (011) 3862-1586 **Jornalista Responsável** Stéfanie Rigamonti (Mtb 0076172/SP) **Redação** Stéfanie Rigamonti **Revisão** Alessandra Nogueira **Direção de Arte e Editoração** Hilton Breymaier **Impressão** Arte Premium (2.700 exemplares) - Correspondências para o Informativo SINPROQUIM: Rua Rodrigo Cláudio, 185 - Aclimação 01532-020 - São Paulo - SP - Tel.: (011) 3287-0455 - sinproquim@sinproquim.org.br - www.sinproquim.org.br

> **Novos pigmentos de efeito da BASF permitem cores quentes com aspecto vintage para interiores elegantes**

A BASF lança globalmente, inclusive no Brasil, dois novos pigmentos de efeito, o Firemist® Velvet Gold e o Firemist® Velvet Russet. O primeiro traz uma tonalidade de dourado elegante e discreto, enquanto o segundo é um castanho avermelhado como o brilho do metal. Essas duas tonalidades completam a série Firemist® Velvet, que também inclui pigmentos da cor pérola (branco), bronze e cobre. A marca de produtos oferece aos fabricantes de tintas para decoração de interiores opções únicas e quentes, com um efeito antigo e uma superfície texturizada. Outros campos de aplicação são as tintas de impressão para papel de parede de alta qualidade e requintados designs de embalagens.

A grande atratividade dos pigmentos de efeito da linha Firemist® Velvet está em seu efeito único e inovador: ao serem expostos à luz indireta, eles parecem foscos e, com a luz direta, produzem um efeito levemente cintilante. Os pintores que usam tintas de interiores com base nesses pigmentos de efeito podem aplicá-las diretamente em concreto, papel de parede e superfícies de madeira.

Os pigmentos de efeito da linha Firemist® Velvet também podem ser usados para produzir designs de embalagem como, por exemplo, para cosméticos, papel de embrulho e caixas de presente. Outros campos de aplicação são papéis de parede requintados e revestimento de superfície para metal e plástico.

> **Clariant é eleita como uma das empresas mais sustentáveis do setor químico brasileiro**

A Clariant, uma das líderes mundiais em especialidades químicas, foi reconhecida como uma das empresas mais sustentáveis no setor químico brasileiro, segundo o Guia Exame de Sustentabilidade 2015.

A avaliação levou em consideração diversos aspectos do modelo de gestão da companhia, englobando iniciativas nas esferas de Performance, Pessoas e Planeta, bem como a atuação na cadeia de fornecimento. Entre os projetos da Clariant, o destaque ficou por conta da implantação do programa de avaliação sistemática de todo o portfólio de

produtos (Portfólio Value Program - PVP). Para o desenvolvimento desse programa em âmbito global, a empresa contou com o apoio do Collaborating Centre on Sustainable Consumption and Production (CSCP) para gerar um conjunto bem definido de 36 critérios com base nos quais todos os seus produtos podem ser classificados. O processo leva em consideração fatores sociais, ambientais e de desempenho. A Clariant concede seu selo EcoTain® aos produtos que apresentam excelência em sustentabilidade e alto desempenho, proporcionando aos clientes um claro indicador do seu valor agregado.

“Criar valor com a sustentabilidade é um dos pilares estratégicos da Clariant, o que demonstra nosso claro compromisso de associar a inovação com a sustentabilidade, apoiando nossos clientes e gerando benefícios para a sociedade. O reconhecimento do Guia Exame demonstra que estamos no caminho certo”, avalia a presidente da Clariant para a América Latina, Mônica Ferreira Vassimon.

> **Henkel é reconhecida por três rankings de sustentabilidade**

Mais uma vez, a Henkel figura o “Índice Mundial das Empresas mais Sustentáveis” – o Global 100 Index da revista canadense Corporate Knights. Além disso, a empresa também foi classificada como “Gold” pela EcoVadis e recebeu o prêmio Silver Class da RobecoSAM. “Estes excelentes resultados confirmam que estamos no caminho certo com a nossa estratégia de sustentabilidade”, afirmou o Líder em Gestão de Sustentabilidade da Henkel, Uwe Bergmann.

O Global 100 Index lista as empresas com melhor desempenho em sustentabilidade em seus respectivos setores industriais. Elas são selecionadas entre mais de 4.600 empresas com valor de mercado superior a US\$ 2 bilhões.

Como membro da iniciativa “Together for Sustainability” para uma cadeia de valores mais sustentáveis, a Gestão de Sustentabilidade da Henkel mais uma vez passou por auditoria da agência internacional EcoVadis. Com base em sua classificação de responsabilidade social corporativa, a multinacional foi premiada com o “Nível de Reconhecimento Gold”, em dezembro de 2015. Com pontuação geral de 73 pontos, a empresa se encontra bem acima da média de 41,7 pontos. Além disso, figura entre os 2% de empresas mais bem pontuadas da categoria de produtos para higiene pessoal e limpeza, se comparada a todas as empresas avaliadas.

> **AkzoNobel entre as 50 empresas com funcionários mais satisfeitos no Brasil**

O site de carreira Love Mondays, a partir das opiniões de 160 mil profissionais, divulgou um ranking inédito com as companhias que têm os funcionários mais felizes e satisfeitos no País. Com a 31ª posição e com 90% dos colaboradores que recomendam a empresa a um amigo, a AkzoNobel, uma das principais fabricantes de especialidades químicas no mundo, foi também a melhor colocada da indústria química.

“O fato de sermos reconhecidos pelos nossos próprios colaboradores, de forma espontânea, muito nos honra como organização. Também indica que estamos no caminho certo, investindo em nossos talentos e desenvolvendo programas inovadores como o Fast Track Management Program (FTMP), programa global para aceleração da carreira de jovens executivos”, comenta o Diretor de Recursos Humanos da AkzoNobel, Francisco Farias.

NOTA

Balança Comercial da indústria química 2016

Informações preliminares da equipe de Economia e Estatística da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim) mostram que os índices de volume de vendas internas e de demanda nacional recuaram no ano passado. As vendas internas encolheram 5,37%, enquanto a demanda nacional por produtos químicos de uso industrial, medida pelo Consumo Aparente Nacional (CAN), teve retração de 6,8%, ambas em relação ao ano anterior. Os números colocam 2015 na posição de um dos piores anos das últimas duas décadas de análise. Como é fornecedora de produtos para segmentos da indústria afetados pela crise econômica, a atividade interna fraca levou a indústria química a buscar alternativas para manter seus ativos em operação mínima. Para a diretora de Economia e Estatística da Abiquim, Fátima Giovanna Coviello Ferreira, isso explica a alta de 10,6% em volume de exportações sobre 2014, como busca das companhias pelo mercado externo a fim de manter produção e utilização da capacidade em níveis mais seguros de operação.

Matéria completa em: <http://www.sinproquim.org.br/index.php/noticias/533-balanca-comercial-da-industria-quimica-2016>

Diversificação energética: uma alternativa para diminuir a emissão de gases poluentes

Apesar da indústria química brasileira ser exemplo na adoção de novas fontes energéticas e pioneira na produção de derivados petroquímicos utilizando matéria-prima renovável, é necessário trabalhar para minimizar ainda mais os impactos sobre o meio ambiente

No final do ano passado, aconteceu a 21ª Conferência das Partes (COP21) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC), em Paris (FR), com a participação de chefes de Estados, profissionais envolvidos com a indústria de seus países, imprensa mundial e outras personalidades. Dentre os presentes, esteve no evento o presidente do SINPROQUIM, Nelson dos Reis. Durante a ocasião, o Brasil firmou meta de diminuir as emissões de gases de efeito estufa em 37% até 2025 e em 43% até 2030.

A indústria brasileira reuniu esforços, nos últimos 10 anos, sem comparação com nenhum outro país, no sentido de diminuir o lançamento de CO₂ na atmosfera. De acordo com o assistente de assuntos nacionais e internacionais da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Marco Antonio Caminha, o País reduziu, na última década, cerca de 10% das suas emissões, e hoje é responsável por 2,8% das emissões globais. O que estava previsto no anexo I, do Protocolo de Quioto, é que os países ricos e industrializados deveriam reduzir em 5,2%. Ou seja, o Brasil conseguiu cumprir com a meta e ultrapassar quase o dobro, de forma voluntária e com recursos próprios. “Muitos setores industriais têm trabalhado bastante para a melhoria de processos, a fim de otimizar o uso dos recursos naturais e o reúso de seus resíduos, tanto em seus próprios processos como em outras indústrias”, apontou Caminha.

Dentro desse panorama, a indústria química ganha um destaque ainda maior. Na opinião de Caminha, esse segmento é o grande exemplo do setor industrial brasileiro com relação à adoção de outras

fontes de energia menos poluentes e de baixa intensidade em emissão de gases de efeito estufa. Além disso, conforme aponta o conselheiro do Conselho Superior de Meio Ambiente (COSEMA) da Fiesp, Obdulio Diego Fanti, a indústria química nacional é pioneira na produção de derivados petroquímicos utilizando matéria-prima renovável – o etanol.

Contudo, estudos científicos apresentam um panorama que caracteriza o risco de



Marco Antonio Caminha

haver um aquecimento global iminente e, na COP21, foi ressaltada a importância de lutar para que o aquecimento se limite a 1,5°C acima dos patamares pré-industriais. Por isso, o Brasil assumiu a nova meta e sua indústria precisa identificar formas para se adequar. Segundo Fanti, os aspectos mais significativos nas ações ambientais empreendidas pela indústria nacional, atualmente, estão relacionados com a utilização de combustíveis mais limpos, como o gás natural; redução significativa da

emissão de óxidos de enxofre; e adoção de tecnologias de baixa emissão de óxidos de nitrogênio para a queima dos combustíveis em fornos e caldeiras. “Vale destacar a racionalização do consumo de água, pela redução do consumo e reciclagem de efluentes e condensados; e a redução contínua na disposição final de resíduos sólidos, ao promover o reúso ou reciclagem de materiais”, explica o conselheiro.

A indústria química depende quase que exclusivamente do uso de matéria-prima fóssil para produzir os seus produtos químicos intermediários e produtos finais de consumo, com a consequente emissão de CO₂ em alguns de seus processos químicos. “Desenvolvimentos baseados em matéria-prima alternativa prometem uma gradual redução na dependência de matérias-primas não renováveis, nas próximas décadas, o que permite a produção com emissão neutra em carbono”, informou Fanti.

Mas, até que isso aconteça, a indústria não pode parar, por isso, de acordo com Obdulio Fanti, continuar com ações para melhorar a eficiência na utilização de recursos não renováveis é de importância crucial para a competitividade da indústria química e, ao mesmo tempo, para continuar reduzindo os impactos ambientais de suas atividades: “mais eficiência, menos perdas, menos impactos, menores custos, maior competitividade. Isto pode ser parcialmente conseguido por meio da operação das unidades na sua capacidade instalada, de melhorias nos processos de produção, nos processos catalíticos e na qualidade das matérias-primas, para fazer ‘mais com menos’”, destaca Fanti.

Portanto, as saídas empreendidas são muitas e, dentre elas, está a diversificação

energética. A energia é um insumo essencial a qualquer processo industrial; tanto a elétrica quanto a térmica são tão importantes quanto as matérias-primas. Marco Antonio Caminha aponta que, aliado ao baixo custo em sua utilização, o setor químico brasileiro, há alguns anos, passou a alimentar suas caldeiras com gás natural em vez de óleo diesel. “É importante notar que o gás natural, apesar de ser de origem fóssil, é extremamente menos emissor de gases de efeito estufa que o óleo diesel”,



Divulgação

Obdulio Fanti

explica Caminha. “A participação do óleo combustível, no ‘mix’ de combustíveis utilizados pela indústria química paulista, tem reduzido de 9,2% em 2005 para 2,2% em 2014 (BESP, 2015)”, acrescenta Obdulio Fanti.

Além disso, algumas das indústrias químicas optaram por instalar sistemas de cogeração de energia elétrica e vapor (produção combinada de calor e eletricidade, com aproveitamento de até o dobro da energia térmica dos combustíveis, quando comparado com usinas termoelétricas convencionais), utilizando combustível renovável, bagaço da cana de açúcar, cavacos de madeira e biomassa de eucaliptos. Também, em vários processos de produção, a recuperação de energia a partir de processos exotérmicos (geração de calor), já implementada em indústrias químicas de grande porte, representa a maior oportunidade tecnológica para a geração de energia elétrica sem emissão de dióxido de carbono associado.

Entraves para a diversificação energética no Brasil

Conforme Obdulio Fanti explica, a diversificação energética depende muito ainda de políticas públicas na área de geração e distribuição de energia elétrica e de incentivos fiscais e tributários para a promoção de atividades de eficiência energética, conservação de energia e uso de combustíveis renováveis. Para as indústrias grandes, a cogeração de energia é uma saída plausível, mas, para as pequenas e médias, é importante o fortalecimento dessas políticas públicas, com o intuito de identificar ações e alternativas, a fim de que elas possam contribuir com os esforços para a redução da emissão de gases de efeito estufa.

Além disso, a conservação de energia é um dos aspectos relevantes na redução da emissão desses gases, em toda a cadeia produtiva da indústria química, independente do tamanho e da capacidade de produção da indústria - pequena, média e grande. Mas, a implementação de sistemas e equipamentos na recuperação de calor e na conservação de energia, térmica ou elétrica, depende, principalmente, da economia e riscos técnicos percebidos.

As indústrias investirão na recuperação de calor e na conservação de energia, em princípio, apenas quando a ação resultar em uma economia que produz um razoável período de retorno do investimento (menos de três anos) e os riscos percebidos forem baixos. “Portanto, um objetivo fundamental em qualquer esforço em P&D deve ser de maximizar os retornos econômicos de tecnologias de recuperação de calor ou conservação de energia”, disse Fanti.

Porém, de acordo com Caminha, o setor de P&D ainda precisa ser mais desenvolvido aqui no Brasil. “Acredito que o principal fator que impactou na adoção de novas fontes energéticas até hoje foi o alto custo de produção devido à falta de P&D nesta área, no País, e por ainda sermos dependentes de tecnologias desenvolvidas em outros países”, concluiu.

VOCÊ SABIA?

Como é feita a pasta de dentes?

A mais antiga referência de creme dental ou dentífrico vem do Egito (século IV a.C.). Manuscritos citavam uma mistura de sal de cozinha, pimenta, folhas de menta e flores de íris. Já no início do século XIX, a escova de dentes, até então usada somente com água, passou a contar também com misturas que levavam giz, tijolo pulverizado e sal.

O creme dental como se conhece hoje foi criado pelo dentista americano Washington Wentworth Sheffield, em 1850. Na verdade, a criação do Dr. Sheffield era em pó. Seu filho, Lucas Sheffield, decidiu modificar a fórmula original, colocando-a dentro de tubos.

As pastas de dentes atuais contêm: flúor, que se incorpora ao esmalte dos dentes, tornando-os mais resistentes à ação de ácidos presentes nos alimentos ou da placa bacteriana; espessantes (Carbômero 956, Carregenina, Carboximetilcelulose de sódio), que



deixam a pasta de dentes com a textura de gel; detergentes (Lauril sulfato de sódio), para que façam espuma; abrasivos (Sílica hidratada, Mica), que funcionam como uma espécie de lixa sobre os dentes, removendo pequenas manchas e impurezas, além de “polir” a superfície; colorantes (D&C Amarelo 10 e D&C Vermelho 30, Azul brilhante FCP, Dióxido de titânio); umectantes (Propilenoglicol, Polietilenoglicol 8 e 12), que evitam que o produto resseque; conservantes (Benzoato de sódio), para evitar a proliferação de micro-organismos; emulsificantes (Glicerol, Cocamidopropil betaina), que mistura homoganeamente todos os ingredientes; e sabor (Sacarina sódica, Sorbitol, Hidróxido de sódio).

O papel do Novo Banco de Desenvolvimento do BRICS no sistema financeiro internacional

Por André Luís Ribeiro Barbosa*

O sistema financeiro internacional está fundamentado na Conferência das Nações Unidas realizada em Bretton Woods, em 1944, quando se criaram o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, cujos objetivos prioritários são a manutenção da estabilidade financeira e monetária internacional e o financiamento ao desenvolvimento. Desde então, realizaram-se reformas pontuais nessas instituições para atender à evolução das necessidades e dos desequilíbrios econômicos dos países, sobretudo em desenvolvimento. A crise de 2008, no entanto, originou-se no seio dos próprios países desenvolvidos, colocando em cheque a necessidade de uma reforma abrangente de governança e representatividade.

A reforma do FMI aprovada em novembro de 2010 representou, nesse sentido, uma mudança histórica: duplicou o montante das quotas e fortaleceu uma maior representatividade na tomada de decisões da instituição em favor dos países em desenvolvimento. Emblematicamente, os 10 maiores acionistas passariam a refletir as 10 maiores economias do mundo: Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França e Itália, do lado dos desenvolvidos, e Brasil, China, Índia e Rússia, como expoentes do mundo em desenvolvimento, coincidentemente, todos, membros do BRICS (grupo composto por esses países mais a África do Sul). Tais mudanças, entretanto, ficaram pendentes de implementação por falta de aprovação do Congresso norte-americano à ratificação do acordo, reforçando as críticas quanto à falta de legitimidade decisória do Fundo e à sua incapacidade de transformação.

Diante de um sistema financeiro que não mais corresponde às distintas e complexas realidades dos dias de hoje, o grupo do BRICS passou à ação e se apresenta paulatinamente como a principal alternativa para uma terceira via. Desde a sua criação, em 2009, o BRICS tem atuado prioritariamente em favor do rearranjo mais democrático das instituições financeiras multilaterais, por meio de posições concertadas no âmbito do G20 e da própria Organização das Nações Unidas (ONU).

A sétima reunião de cúpula dos líderes dos BRICS, em Ufá, capital da República do Bascortostão, na Rússia, em 2015, deu passos importantes nessa direção, por meio da conclusão de inúmeros acordos de cooperação e da consolidação de marcos importantes de sua institucionalização econômica e financeira. Merecem destaque o Acordo entre Agências de Seguro de Crédito à Exportação, o Acordo de Cooperação em Inovação entre os bancos nacionais de desenvolvimento dos países do BRICS, a conclusão do processo de ratificação do Arranjo Contingente de Reservas (no valor



Divulgação

André Luís Ribeiro Barbosa

de US\$ 100 bilhões) e, principalmente, o início da implementação do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), que contará com US\$ 50 bilhões de capital inicial e US\$ 100 bilhões de capital autorizado.

O NBD, conhecido como o “banco do BRICS”, tem por objetivo financiar projetos de infraestrutura com foco na sustentabilidade e deverá iniciar suas operações ainda em 2016. Com sede em Xangai, o NBD é a primeira instituição financeira de escopo global que não tem ingerência de norte-americanos ou de europeus e atuará de forma complementar às demais instituições multilaterais existentes, em especial, o Banco Mundial e o FMI. Será, portanto, uma força adicional de suporte ao

crescimento das economias dos países do BRICS e de outros países em desenvolvimento e, assim, um importante indutor de mudanças no sistema financeiro internacional.

A criação do NBD coincidiu com o estabelecimento do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB, sigla em inglês para *Asian Investment Infrastructure Bank*), liderado pela China, com a participação de vários países, sobretudo asiáticos. Ambas as instituições dinamizarão os investimentos em infraestrutura, sobretudo para países em desenvolvimento, e constituirão uma alternativa importante ao Banco Mundial.

Por meio dessas iniciativas, o BRICS tem se apresentado na base da conformação de um mundo mais multipolar e, portanto, menos dependente das fontes tradicionais de poder estabelecidas em Bretton Woods. O Brasil é uma peça-chave nesse contexto. Devido ao seu tamanho e à sua respeitabilidade no cenário internacional, serve como facilitador de diálogos, devido à sua pré-disposição natural para a compreensão dos interesses de países em diferentes estágios de desenvolvimento. Sendo a maior economia da América Latina, o País exerce um protagonismo econômico no continente e transita politicamente muito bem entre o Ocidente e o Oriente, entre o Norte e o Sul, entre o velho e o novo mundo.

Em face de um sistema financeiro mundial em crise, o Brasil e seus parceiros do BRICS assumem com maturidade suas responsabilidades para o estabelecimento de um novo sistema financeiro mundial, mais plural, democrático e sustentável, baseado na cooperação entre países em desenvolvimento, que tende a ser qualitativamente muito distinta do padrão de cooperação em vigor, com países desenvolvidos de um lado e países em desenvolvimento do outro.

** André Luís Ribeiro Barbosa é advogado, Mestre em Direito e Economia Internacionais pelo World Trade Institute, na Suíça, e Analista de Comércio Exterior na Secretaria Executiva da Câmara de Comércio Exterior (CAMEX). As opiniões pessoais do autor não representam necessariamente as do órgão em que trabalha.*

As perspectivas da indústria química

Por Nelson Pereira dos Reis*

Descrever as perspectivas para a indústria química e petroquímica em 2016, sendo que o ano anterior foi repleto de questões políticas e econômicas que terminaram por comprometer o desempenho da indústria de modo geral, faz-nos pensar em desafio.

A indústria vem sofrendo os impactos da insegurança econômica e do custo no Brasil, que provocam o encolhimento do parque industrial e a redução dos postos de trabalho. Ela convive com os entraves logísticos resultantes da falta



Nelson Pereira dos Reis

de investimentos em infraestrutura no País, os altos custos da energia, as dificuldades de acesso ao crédito e a alta dos juros e da carga tributária que onera a produção e promove impacto direto no crescimento.

Em 2015, a produção industrial recuou em 3,9%, as vendas no varejo diminuíram 0,9%, a taxa de desemprego chegou a 10,1% e o PIB da indústria de transformação caiu 10,5%. O resultado é que a confiança do consumidor diminuiu em 68,5%, assim como a da indústria, que recuou em 74,7%.

A indústria química, especificamente, que é fornecedora de produtos para segmentos que também foram afetados pela crise econômica, sentiu o recuo dos índices de volume de vendas internas e de demanda nacional no ano passado (5,37% e 6,8% respectivamente). Como alternativa, o setor buscou o mercado externo, o que promoveu uma alta de 10,6% em volume de exportações sobre 2014. A desaceleração da atividade interna e a desvalorização do real também afetaram o volume importado, que caiu 21,6% em 2015 sobre o ano anterior.

Se o que se espera de 2016 é a incerteza sobre a trajetória das contas públicas, que mantém o cenário de elevado risco no País; o aumento da taxa de desemprego e queda da renda; a manutenção de níveis deprimidos da confiança do empresariado e do consumidor; e o baixo crescimento do comércio exterior, como buscar o crescimento?

Há espaço para crescer em termos de produção nacional, porém as empresas só conseguirão planejar novos investimentos quando a ociosidade for reduzida, o que só ocorrerá se houver aumento da competitividade de produção no mercado local. Para atenuar os efeitos do elevado custo, no Brasil, sobre o setor, é ideal a manutenção do Regime Especial da Indústria Química (Reiq), assim como da ativação da chamada Lei do Gás, que é a política de diferenciação e competitividade para o Gás Natural utilizado como matéria-prima.

O desafio do Sindicato das Indústrias de Produtos Químicos para Fins Industriais e da Petroquímica no Estado de São Paulo (SINPROQUIM) está em apoiar o setor que representa, na busca pela qualificação, capacitação e crescimento.

Além de nossa função de apoiar as iniciativas de proteção e fortalecimento da indústria, trabalhando juntamente com demais entidades representativas da indústria, mantemo-nos atuantes para impulsionar o desenvolvimento continuado e sustentado da indústria química, com apoio adicional à pequena e média empresa paulistana, na tentativa de oferecer ferramentas ao empresário que busca a competitividade no mercado nacional e até mesmo no internacional.

Nesse sentido, o sindicato lançará, neste ano, o projeto de mapeamento da pequena e média indústria do segmento químico do estado de São Paulo, no intuito de compreender sua real dimensão, pontos fortes e fragilidades, para melhor contribuir no apoio a essas empresas.

O SINPROQUIM segue com suas atividades, em 2016, buscando, a partir do apoio técnico e político, compor, junto ao empresário da indústria química e petroquímica, um cenário de melhores perspectivas na busca do desenvolvimento de nosso setor.

* Nelson Pereira dos Reis é Presidente do Sindicato das Indústrias de Produtos Químicos para Fins Industriais e da Petroquímica no Estado de São Paulo (SINPROQUIM)

BALANÇO DA INDÚSTRIA QUÍMICA

2016 começa com continuidade do cenário interno recessivo na química

A atividade interna fraca no País levou as empresas do setor a buscarem alternativas para manter seus ativos em operação mínima, a fim de não encarecer, ainda mais, os elevados custos unitários de produção. É de se destacar o esforço das companhias, ainda que com margens reduzidas, na busca pelo mercado externo. Com a ajuda também da desvalorização do Real em relação ao dólar, nos últimos 12 meses, até janeiro de 2016, sobre o mesmo período imediatamente anterior, as exportações da amostra de produtos do RAC cresceram 16,1%, em volume, com impacto direto no índice de produção, que, apesar da retração da demanda interna, teve acréscimo de 0,95%, no mesmo período de observação, e no de utilização da capacidade instalada, que ficou em 78%, um ponto abaixo do patamar registrado nos 12 meses anteriores. Por outro lado, o volume importado caiu 19,6%, passando a representar uma fatia bem menor de tudo o que se consumiu de produtos químicos no mercado brasileiro, de 30,5% da demanda, contra 35,7% do peso de 2014. Por essa razão, apesar do declínio das vendas internas, o produtor local ganhou 5,4 pontos do share do mercado doméstico.

O índice de preços fechou os últimos 12 meses, encerrados em janeiro, com elevação nominal de 10,47%. Descontados os efeitos da inflação (levando-se em consideração o IPA-Indústria de Transformação, da FGV), os preços médios reais do segmento de produtos químicos de uso industrial caíram 0,7%. Se for utilizado o dólar como deflator, os preços reais estão 27,3% abaixo do que foram nos 12 meses anteriores e, na comparação com o euro, 24,1% menores. Como a maioria dos produtos químicos são commodities, os preços no mercado interno acompanham as oscilações e flutuações ocorridas no mercado internacional, especialmente pela característica de que o Brasil não é "formador de preços" em química, mas sim "tomador". Deve-se acrescentar a forte queda das cotações de algumas commodities no mercado internacional, com destaque para o petróleo e seus derivados, com impacto sobre a indústria química.

Fonte: Abiquim

USEtox: avaliação da toxicidade de ingredientes e produtos no pós-uso

Tecnologia avalia o risco dos produtos para o ambiente e à saúde humana após o seu consumo

É muito comum que empresas dos setores de higiene, cosméticos e medicamentos deem atenção para a avaliação dos perigos que os produtos por elas desenvolvidos possam apresentar para o consumidor e ao meio ambiente, na sua fabricação e uso. Todavia, a preocupação com o risco desses mesmos produtos no pós-consumo é deixada de lado. Segundo a diretora técnica da EcoAdvisor Associados, Maurea Flynn, o destino final de muitos desses produtos é a água. “No rio, eles sofrem transformações químicas, decomposição, degradação, com efeitos para a biota e para o ser humano não avaliados anteriormente. A exposição ao produto e seus metabólitos na natureza oferece riscos ao ambiente e ao humano”, explica Flynn.

O modelo USEtox é uma ferramenta para a avaliação da toxicidade de ingredientes e produtos. Ele foi desenvolvido por especialistas de países como Dinamarca, Holanda, Estados Unidos e Canadá, a partir da Força Tarefa em Impactos Toxicológicos da UNEP-SETAC *Life Cycle Initiative*. Por meio dos ingredientes utilizados é possível a avaliação dos impactos potenciais dos produtos, tanto em escala local como global, para os compartimentos ambientais (ar, água doce, mar, sedimento, solo agrícola e não agrícola), e também impactos na saúde humana (número de casos de doenças cancerígenas e não cancerígenas por inalação e ingestão).

Segundo Flynn, as informações adquiridas



pela modelagem podem ser utilizadas pelas empresas como critério de decisão para a escolha de um ingrediente; análise comparativa de produtos de uma mesma categoria; e para a avaliação do potencial de impactos toxicológicos e ecotoxicológico nas formulações de produtos. “Essa tecnologia é indicada para empresas que estejam preocupadas com a sustentabilidade ambiental”, afirma Maurea Flynn.

PROJEÇÕES ECONÔMICAS

Economia brasileira deve se manter desaquecida em 2016

Segundo estudo do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos da Fiesp, as expectativas são de recuo de 3,3% do PIB para este ano

Neste mês, foi divulgado um estudo elaborado pelo Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos (Depecon) da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), que informa as projeções do departamento para 2016, a partir dos números do último trimestre de 2015. Segundo a análise do estudo, a sequência de resultados negativos da indústria evidencia a forte crise enfrentada pelo setor industrial, que se estende por este ano.

Pelo quinto trimestre consecutivo a produção industrial arrefeceu e o comércio encerrou o ano anterior em queda, de forma que, chegou-se no último trimestre de 2015 com 1,4% do PIB recuado. Para 2016, a projeção é de uma queda maior: 3,3% do PIB, que se configura como o maior recuo desde 1990, continuidade do cenário econômico negativo e a manutenção

do desaquecimento da economia brasileira, embora, espera-se registrar quedas menos intensas na base trimestral.

O Brasil enfrenta uma baixa herança estatística (*carry-over*); incerteza sobre a trajetória das contas públicas, o que mantém o cenário de elevado risco e muita volatilidade nos ativos; aumento da taxa de desemprego e queda da renda; manutenção de níveis deprimidos da confiança do empresariado e do consumidor; e baixo crescimento do comércio exterior. Para piorar o cenário, o comércio mundial segue em ritmo de desaceleração, desde o segundo trimestre de 2015.

A taxa de desemprego continuará a aumentar em 2016. A notícia positiva provém do segmento de manufaturados, em que haverá forte redução no déficit da balança.

NOTA

Governo cria programa de estímulo a fornecedores do setor de petróleo

A criação do Programa de Estímulo à Competitividade da Cadeia Produtiva, ao Desenvolvimento e ao Aprimoramento de Fornecedores do Setor de Petróleo e Gás Natural (Pedefor) foi publicada em decreto da presidente Dilma Rousseff, no Diário Oficial da União, no dia 18 de janeiro.

O programa prevê que fornecedores, no Brasil, terão bens, serviços e sistemas de caráter estratégico incentivados pela política de conteúdo local do setor de petróleo e gás, em um patamar maior que o efetivamente existente.

Além disso, serão beneficiados consórcios ou empresas que promovam, no País, negócios que viabilizem a instalação de novos fornecedores, investimento direto na expansão da produção de fornecedores, investimento na inovação tecnológica de fornecedores nacionais e compra de bens e sistemas, no País, com conteúdo local.

Matéria completa em: <http://www.sinproquim.org.br/index.php/noticias/525-governo-cria-programa-de-estimulo-a-fornecedores-do-setor-de-petroleo>